



MULHERES PESCANDO LIBERDADE

A criação da Rede de Mulheres Pescadoras
da Costa dos Corais: visibilidade e
fortalecimento a partir de um sonho coletivo



EXPEDIENTE

Mulheres pescando liberdade

*A criação da Rede de Mulheres Pescadoras da Costa dos Corais:
visibilidade e fortalecimento a partir de um sonho coletivo*

Como empresa federal de utilidade pública, a Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH apoia o Governo Federal da Alemanha em seus objetivos na área de cooperação internacional.

Publicado por Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH

SEDE SOCIAL

Bonn e Eschborn, Alemanha
GIZ Agência Brasília
SCN Quadra 01 Bloco C Sala 1501
Ed. Brasília Trade Center 70.711-902 Brasília/DF
giz-brasilien@giz.de
www.giz.de/en/worldwide/12055.html

GIZ

Dörte Segebart
Fabiana Cava
Elisa Malta

INSTITUTO YANDÊ

Carolina Neves Souza
Ana Paula Santos
Maria Alice Capitó Ferreira de Azevedo
Mariana Bernardo de Santos Silva

TEXTO

Maura Campanili

COLABORAÇÃO E REVISÃO

Ana Paula Santos
Elisa Malta
Fabiana Cava

AGRADECIMENTOS

Erika Campos
Kamala Aymara

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Mayara Fischer

ILUSTRAÇÕES

Eduardo Azerêdo

FOTOGRAFIAS

[Natie Paz/Instituto Yandê e GIZ Brasil](#)

Esta publicação contou com o apoio do Ministério do Meio Ambiente, Conservação da Natureza, Segurança Nuclear e Defesa do Consumidor (BMUV) da Alemanha, por meio da Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH. Esse projeto faz parte da Iniciativa Internacional para o Clima (IKI, na sigla em alemão). O Ministério do Meio Ambiente, Conservação da Natureza, Segurança Nuclear e Defesa do Consumidor (BMUV) da Alemanha apoia essa iniciativa com base em uma decisão adotada pelo Bundestag.

Fevereiro de 2022

Por ordem do



Ministério Federal
do Meio Ambiente, Proteção da Natureza
e Segurança Nuclear

da República Federal da Alemanha

Por meio da:

giz Deutsche Gesellschaft
für Internationale
Zusammenarbeit (GIZ) (

SUMÁRIO

- 04** Apresentação
- 05** Um pouco sobre a Costa dos Corais
- 08** A primeira escola e a pesca como profissão
- 12** Encontro transformador
- 14** Rede de sonhos
- 19** Juntando o cardume
- 24** Mulheres corajosas e unidas
- 26** Tecendo a Rede
- 30** Mulheres em Rede
- 34** O que veio depois: as conectoras e a comunicação
- 38** Lições aprendidas
- 39** Linha do tempo

APRESENTAÇÃO

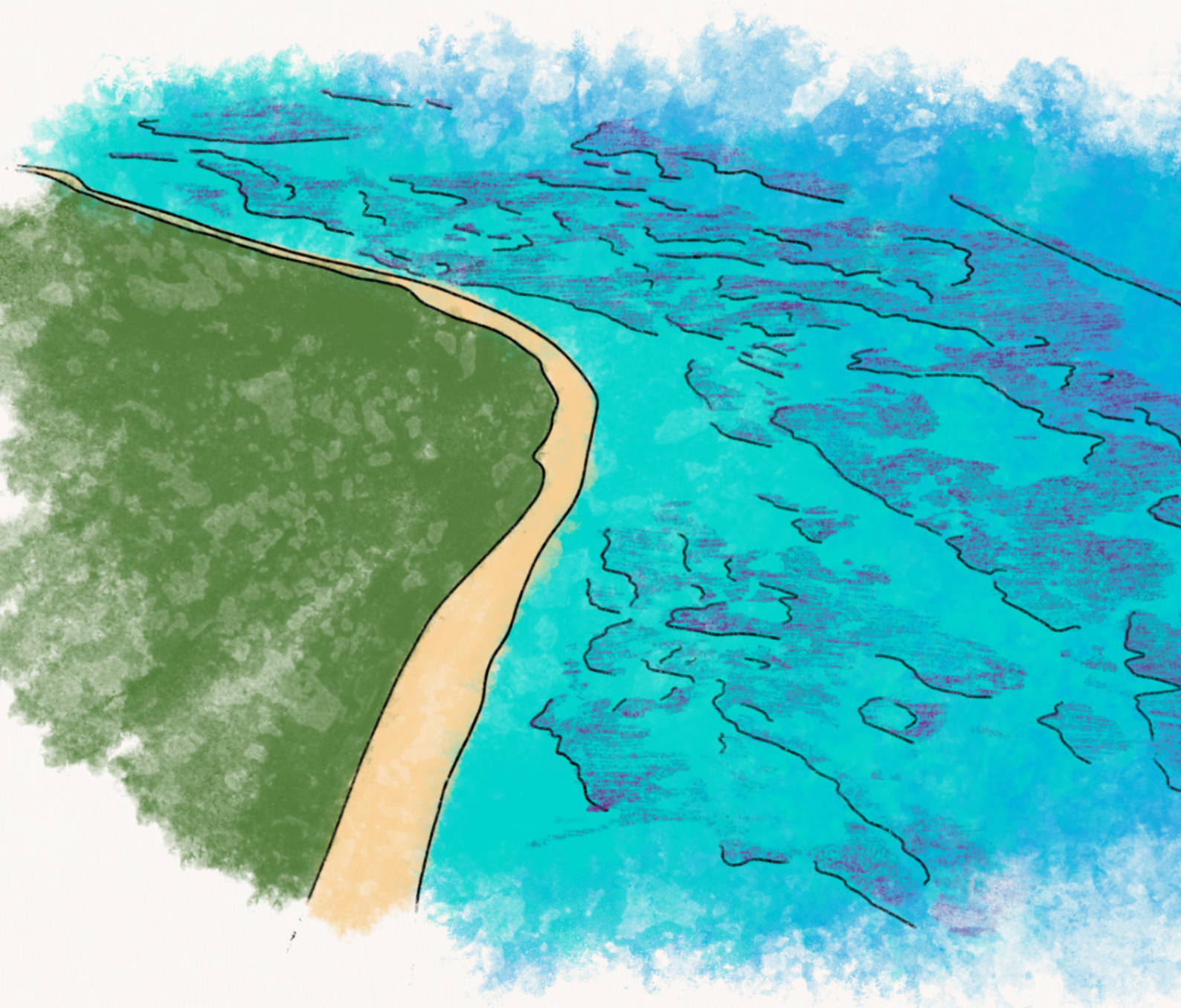
Pescadoras e pescadores tradicionais são, em grande parte, invisibilizados no Brasil e têm participação limitada em processos decisórios políticos relevantes na busca por seus direitos e pela proteção do ambiente e de espécies dos quais dependem para sua subsistência. Essa situação afeta, particularmente, as mulheres pescadoras e também aquelas que processam ou comercializam produtos da pesca.

Em 2019, mulheres pescadoras da região da Costa dos Corais, entre Alagoas e Pernambuco, iniciaram um processo para promover sua autonomia e a proteção de seus direitos, por meio da qualificação e do fortalecimento comunitários. A ação contou com o apoio do Projeto TerraMar (GIZ/MMA) e buscou fortalecer a integração das mulheres extrativistas costeiras e marinhas ligadas à pesca, visando aprimorar o conhecimento de seus direitos e valorizar a identidade, a cultura e o pertencimento à categoria de população tradicional.

Para alcançar esses objetivos, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o órgão gestor da Área de Proteção Ambiental (APA) Costa dos Corais e o Instituto Yandê de Educação, Cultura e Meio Ambiente, organização que atua junto a essa APA, foram convidados para atuar como parceiros neste projeto. Durante seis meses, cerca de 400 mulheres participaram de encontros municipais e regionais, oficinas e seminários.

O resultado deste processo criou a Rede de Mulheres Pescadoras da Costa dos Corais. O grupo agora dispõe de informações para buscar a sustentabilidade da Rede – que ainda precisa ser consolidada – e acesso a mecanismos que possam acionar para a proteção e validação de seus direitos.

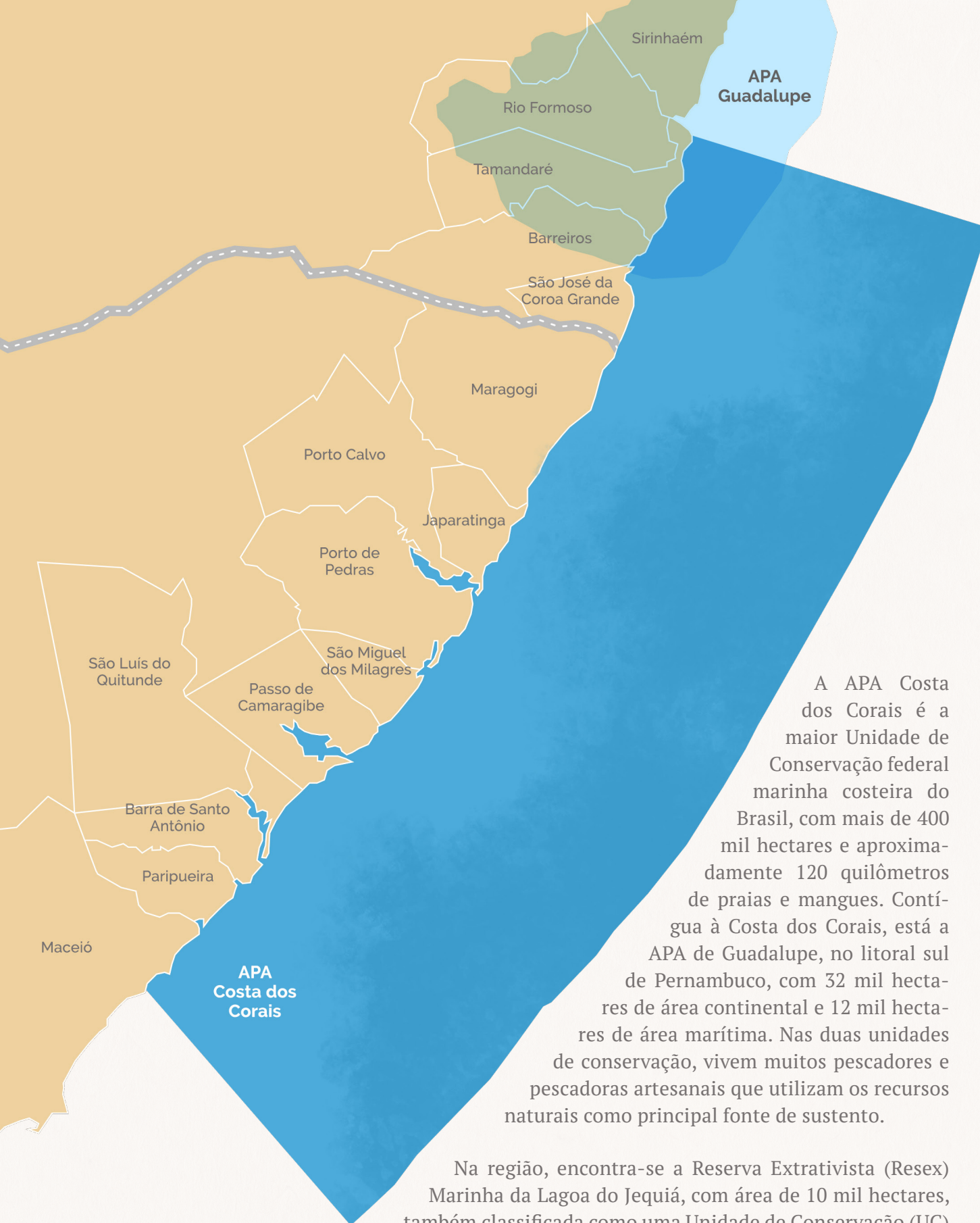




UM POUCO SOBRE A COSTA DOS CORAIS

A região da Costa dos Corais, onde vivem essas mulheres pescadoras, está localizada entre o sul de Pernambuco e norte de Alagoas, em um dos litorais mais bonitos do país. O território é marcado por uma grande diversidade de ambientes, como manguezais, remanescentes de Mata Atlântica, mata de restinga, além do curso de rios e praias. A presença dos recifes de corais torna esse local ainda mais importante para a biodiversidade costeira e marinha do Brasil.

O local abriga duas Áreas de Proteção Ambiental (APA), um tipo de Unidade de Conservação (UC) voltada a ordenar a ocupação humana e o uso sustentável dos recursos naturais. Seu objetivo é proteger os ecossistemas, a fauna e a flora, além de atributos paisagísticos e culturais de uma região por meio da orientação, do desenvolvimento e da adequação das várias atividades humanas às características ambientais do lugar.



A APA Costa dos Corais é a maior Unidade de Conservação federal marinha costeira do Brasil, com mais de 400 mil hectares e aproximadamente 120 quilômetros de praias e mangues. Contígua à Costa dos Corais, está a APA de Guadalupe, no litoral sul de Pernambuco, com 32 mil hectares de área continental e 12 mil hectares de área marítima. Nas duas unidades de conservação, vivem muitos pescadores e pescadoras artesanais que utilizam os recursos naturais como principal fonte de sustento.

Na região, encontra-se a Reserva Extrativista (Resex) Marinha da Lagoa do Jequiá, com área de 10 mil hectares, também classificada como uma Unidade de Conservação (UC) federal de uso sustentável, localizada no município de Jequiá da Praia, ao sul de Maceió, em Alagoas. Diferentemente da APA, a Resex tem como objetivo a proteção dos meios de vida da cultura de populações tradicionais com sustento baseado nas atividades extrativistas.



NILSON TOMAT
9979-4094

NILSON TOMAT
9979-4094

A PRIMEIRA ESCOLA E A PESCA COMO PROFISSÃO

“A pesca foi minha primeira escola. Sou filha de pescador que voltou para a escola para pesquisar as comunidades da Costa dos Corais e descobri o universo da mulher na pesca. Hoje, já sentimos a escassez de pescado, quantas espécies estão ameaçadas de extinção, quantos produtos da pesca vêm sumindo e ameaçando a sobrevivência das famílias.”

Ana Paula Santos, pescadora e cientista social, moradora de Barra de Santo Antônio, Alagoas. Liderança na região e coordenadora do processo de criação da Rede de Mulheres Pescadoras da Costa dos Corais



“Desde os seis anos, acompanho minha mãe para pescar, tirar marisco, pescar siri, tratar o peixe. Cresci vendo toda a minha família, desde a minha avó, secar peixe. Naquela época, ninguém tinha geladeira. Tirávamos as vísceras ao sol e vendíamos na feira. E íamos para o mangue tirar marisco e ostra e vender, fazendo de tudo um pouco. Mas chega uma idade (tenho 53 anos) que a gente se sente cansada, esgotada e sem fôlego.”

Isabel Cristina Chagas, pescadora da comunidade de Barra do Camaragibe, Alagoas

“Sou pescadora desde os oito anos, quando comecei a jogar sarrafo com pai e mãe. Também pescava com meu pai com rede ou vara. Na adolescência, fui trabalhar em cozinha e outras coisas, mas vi que minha gana era mesmo a pesca.”

Maria Natália da Silva Santos, pescadora da Comunidade de Ipioca, Alagoas



“Meu pai tinha rede de arrasto, e desde pequena enrolava corda na praia, puxava rede, acompanhava meu pai na jangada. Antes, a corda era de fibra e eu nadava com a corda na boca para levar e emendar quando ela se rompia. Hoje é de náilon, mas naquela época era sofrido. Agora faço pesca de vara e pesco na boca da maré de vazante à noite, no rio e na praia.”

Faustina Rodrigues dos Santos, pescadora do povoado Barreiras, em Japaratinga, Alagoas



Ana Paula, Isabel, Natália e Faustina são algumas das mulheres pescadoras que vivem de várias atividades ligadas à pesca artesanal na região da Costa dos Corais.

A maior parte dessas mulheres se dedica à mariscagem, captura de caranguejos, pesca com varas ou redes, além de preparar e vender a produção, cuja maior parte é comercializada na própria região. Elas participam ativamente de atividades comunitárias relacionadas à pesca e são responsáveis pelas atividades domésticas e pelos cuidados com os filhos. Mais de 60% dessas famílias não possuem nenhuma outra fonte de renda¹. Envolvidas com tantos afazeres para garantir o sustento e bem-estar de suas famílias, muitas dessas mulheres não tinham sequer a noção de que ser pescadora é sua profissão.



Natli Paz / Instituto Vandê e GIZ Brasil



Fabiana Cava / GIZ Brasil



“Eu digo para vocês, não tenham medo de dizer eu sou pescadora, porque pescadora é aquela que faz da pesca a sua atividade. Tira o seu sustento e o sustento da sua família. Independentemente se ela vai na lagoa ou se está em casa fazendo beneficiamento, comercialização do pescado, ou se está na venda, ou contribuindo com o marido, é a mulher que está na atividade da pesca.”

Ana Paula Santos

Fortalecer a pesca artesanal e o papel das pescadoras se tornou ainda mais importante com o crescimento do turismo. “Durante muito tempo, a atividade foi fonte de renda predominante na região, mas o turismo vem ocupando território e com isso a pesca tem perdido espaço”, conta Mariana Bernardo de Santos Silva, diretora executiva do Instituto Yandê.

De acordo com Gabriela Calixto, analista ambiental do ICMBio, a importância das mulheres na pesca artesanal sempre foi percebida, embora enfrentasse certa invisibilidade. As marisqueiras sequer eram vistas socialmente como pescadoras. “As mulheres têm importância na vida comunitária, na governança do território, e ocupam cargos nas diretorias de colônias e nos conselhos das Unidades de Conservação. A justificativa para a participação, porém, era que os homens estavam no mar, por isso elas iam às reuniões. No entanto, é clara sua importância para a geração de renda e organização das Comunidades”.

Além da falta de reconhecimento, as mulheres trabalhadoras da pesca enfrentam outros problemas, que incluem a poluição das águas, que afetam a quantidade e qualidade dos produtos; a falta de equipamentos de segurança e beneficiamento do pescado; as jornadas de trabalho excessivas, ao incluir-se toda a responsabilidade doméstica; a falta de estrutura necessária para a comercialização; além de assédio e violência.

Instituto Yandê

Com sede em São Miguel dos Milagres, Alagoas, o Instituto Yandê trabalha na região e atua em parceria com o ICMBio na formação de grupos de cultura popular e na realização de oficinas de educação ambiental voltadas aos turistas e à comunidade.

“Moro na Comunidade de Barra do Camaragibe, no litoral norte de Alagoas. Nasci, cresci, estudei, trabalhei sempre nessa Comunidade e continuo trabalhando, porque a vida da mulher alagoana de baixa renda é sempre continuar lutando.”

Isabel Cristina Chagas

“Sofremos muito com a poluição, com garrafas, plásticos e até esgoto na água. A gente, que trabalha na praia, também precisa de médicos.”

Maria Natália da Silva Santos



Elisa Malta / CIZ Brasil

ENCONTRO TRANSFORMADOR

Ao participar do 2º Seminário da Pesca Artesanal da APA Costa dos Corais, em 2018, realizado no Centro de Pesquisa do Nordeste (Cepene) do ICMBio, em Tamandaré, Pernambuco, essas mulheres começaram a mudar o seu destino. “O evento contou com cerca de 80 pessoas, entre pescadores e pescadoras. Como de costume, a maior parte dos participantes era do gênero masculino, com as mulheres em minoria e invisibilizadas”, contou Fabiana Cava, assessora técnica do Projeto TerraMar.

Projeto TerraMar

Com o objetivo de contribuir para a conservação da biodiversidade costeira e marinha, o Projeto TerraMar apoia processos para o fortalecimento da gestão ambiental territorial, implementa medidas de conservação e uso sustentável e promove processos de formação de redes participativas em duas áreas de atuação: região da Costa dos Corais e região dos Abrolhos (nos estados de Espírito Santo e Bahia).

Naquele encontro, porém, no momento das discussões em grupo, as mulheres resolveram se juntar. “A proximidade as tornou visíveis. Quando foram apresentar suas reivindicações à assembleia, pediram ao Projeto TerraMar que as ajudasse a se fortalecer. Queriam apoio para realizar um encontro que juntasse as mulheres da região e incluísse as pescadoras dos municípios de Rio Formoso e Sirinhaém, em Pernambuco, que têm colônias comandadas por mulheres”, lembra Fabiana.

Começava ali a história da Rede de Mulheres Pescadoras da Costa dos Corais.

MULHERES

QUE FAZEM

Lindomar Rodrigues de Barros Silva

Moradora de São José da Coroa Grande, em Alagoas, Lindomar vem de família de pescadores e agricultores e começou a pescar ainda criança com os pais. Chegou a trabalhar em outros locais, como em um supermercado, mas acabou voltando para a atividade quando se casou com um pescador. "Se dá pouco valor à pesca artesanal, mas é a que traz mais pescado à mesa das pessoas", defende.

Associada à Colônia de Pescadores local, onde trabalhou por vários anos até se afastar devido a problemas familiares, Lindomar participou do Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP) em Olinda e também acompanhou movimentações da categoria em Brasília. Mesmo aposentada, com os filhos criados e cuidando de três netos, não deixou de frequentar as reuniões da Colônia. Foi assim que se envolveu com o processo de criação da Rede de Mulheres Pescadoras, da qual tornou-se conectora.





REDE DE SONHOS

“Trabalho com o cultivo de ostras e não entendia meu trabalho como pesca, nem sabia que existiam mulheres na pesca. Imaginava que eram só homens nesse trabalho.”

Jaqueline dos Santos, pescadora da Comunidade de Barra de Camaragibe, Passo de Camaragibe, Alagoas

A primeira oficina para a criação da Rede de Mulheres Pescadoras aconteceu em julho de 2019, em Tamandaré, Pernambuco, com a participação de 32 pescadoras e marisqueiras, de 14 municípios. Entre os objetivos da atividade estavam a integração entre as mulheres das Comunidades, o início da construção da identidade da mulher pescadora, a motivação e o engajamento na construção da rede.

Para esse primeiro encontro, a metodologia *Dragon Dreaming* foi escolhida e adaptada para a ocasião.

Durante dois dias, as mulheres pescadoras vivenciaram dinâmicas para o desenvolvimento do crescimento pessoal; o fortalecimento do sentido de Comunidade; e o processo de elaboração de projetos de forma criativa, colaborativa e sustentável; além de compartilharem suas aspirações.



A metodologia *Dragon Dreaming*

Criada pelo australiano John Kake, a metodologia *Dragon Dreaming* foi desenvolvida para a gestão de projetos com populações tradicionais aborígenes da Austrália. A ideia era conseguir uma ferramenta de planejamento que respeitasse a sabedoria ancestral da Comunidade e produzisse, de forma lúdica e participativa, transformações no coletivo. A metodologia trabalha com quatro fases: o sonho, o planejamento, a execução do projeto e sua celebração.

“Eu sonho que a gente possa encontrar um caminho melhor. Que possamos crescer mais na Comunidade, melhorar a qualidade de vida das mulheres e de outras pessoas. Que nossos filhos tenham um futuro melhor, possam estudar. Que as mulheres do marisco possam se alfabetizar, mesmo as mais velhas, pois grande parte não fez nem todo o primeiro grau. Que possamos aprender mais como comercializar e que os sonhos não fiquem em sonhos, mas se tornem realidade.”

Isabel Cristina Chagas

Após sentarem-se em círculo, cada pescadora expressou o seu sonho com relação ao projeto coletivo que gostariam de construir. Os desejos, quando reunidos, resultaram no sonho do grupo, em que cada uma das mulheres presentes contribuiu com a criação do projeto, o que proporcionou a elas um sentimento de construção do “nosso projeto”.

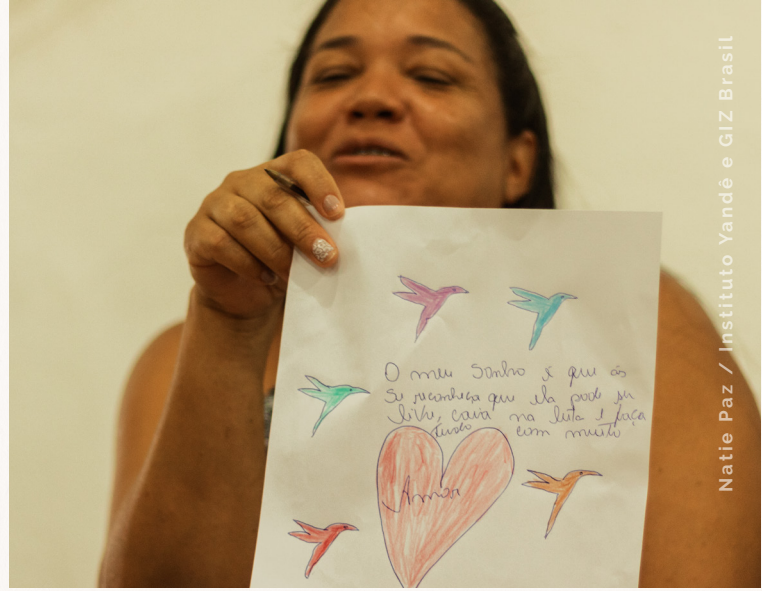
Na sequência, as facilitadoras Erika Campos e Kamala Aymara elaboraram um texto, descrevendo os sonhos do grupo. Ele foi escrito no tempo passado para que as mulheres presentes no círculo dos sonhos fossem transportadas a uma situação na qual os sonhos já tivessem se realizado. A leitura foi em voz alta, sob o olhar de encantamento de cada mulher ao ouvir seus sonhos “concretizados”. Foi um momento de emoção coletiva.

A partir do sonho comum, as mulheres, por meio de ferramentas lúdicas e dinâmicas, planejaram como os sonhos poderiam ser alcançados. “Em um grupo de mulheres, o engajamento não é igual, mas todas as participantes são importantes. É preciso abrir espaço e dividir tarefas, criar desafios e novas habilidades”, explicou Erika.

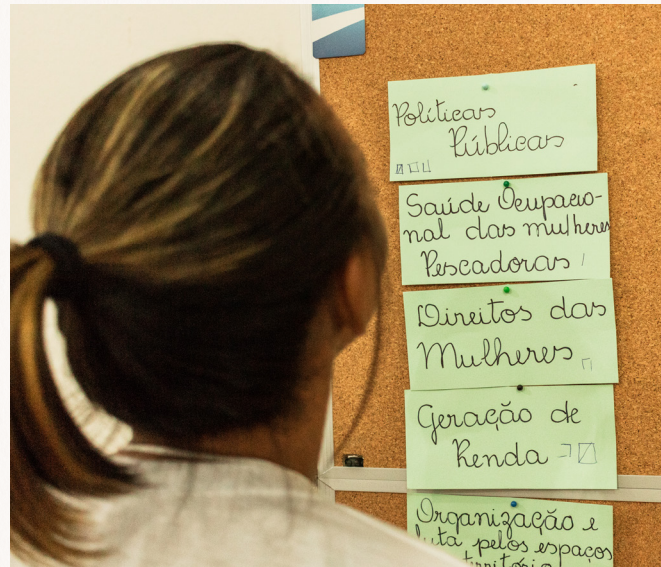
A última etapa foi a fase de celebração. O grupo compartilhou as habilidades aprendidas e as dificuldades que enfrentam. Juntas, as pescadoras fizeram uma reflexão e definiram os próximos passos dessa caminhada, que incluem a realização de encontros municipais e regionais e um seminário final.

“Tem sido muito bom participar desse processo, porque trouxe conhecimentos. Queremos que todas as mulheres possam ser reconhecidas pelo seu trabalho e tenham direitos iguais. E a Rede pode nos ajudar nisso.”

Estela Maria dos Santos, povoado Ponta de Pedra, Jequiá da Praia, Alagoas



Natie Paz / Instituto Vandê e Giz Brasil



MULHERES

QUE FAZEM

Ana Paula Santos

Mãe de três filhos, entre 17 e 21 anos, avó de uma menina de cinco e casada com pescador, a alagoana Ana Paula Santos é conhecida como uma liderança pelas pescadoras. Formada em Ciências Sociais, realizou seu trabalho de conclusão de curso abordando o universo das mulheres na pesca. "Foquei na minha comunidade, Barra de Santo Antônio, e entrevistei pescadoras e pescadores, um público do qual fazia parte, o que foi um grande desafio. E não quero parar por aí, pretendo fazer mestrado em antropologia social", diz ela.

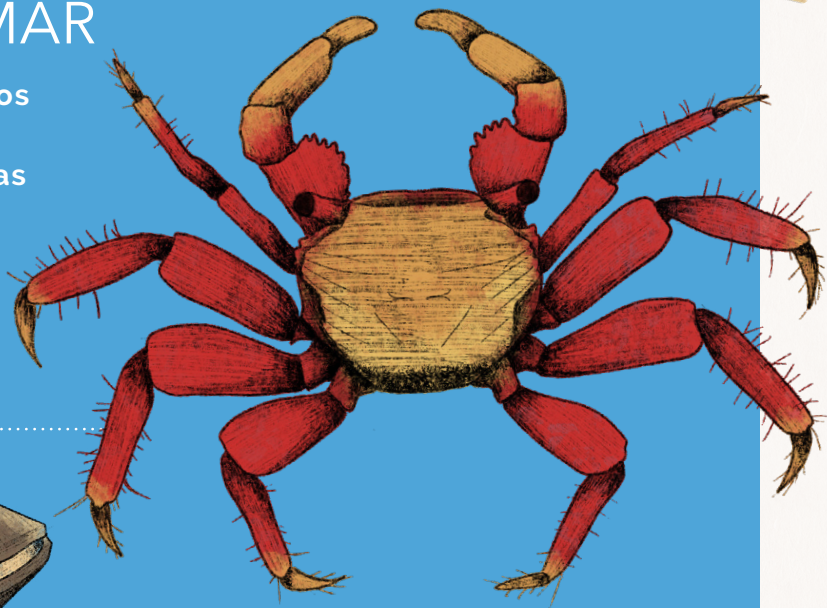
Estudar, segundo Ana Paula, é uma prioridade também para seus filhos – dois deles estão no ensino médio e já começam a pensar na universidade. O mais novo é músico e toca trombone. Todos são envolvidos com a comunidade, participam do grupo Jovens Protagonistas da Pesca e vão para o mar quando necessário.

Por sua liderança e conhecimento da realidade das mulheres pescadoras, Ana Paula foi convidada para coordenar o processo de mobilização e criação da Rede de Mulheres Pescadoras da Costa dos Corais e é uma de suas conectoras.

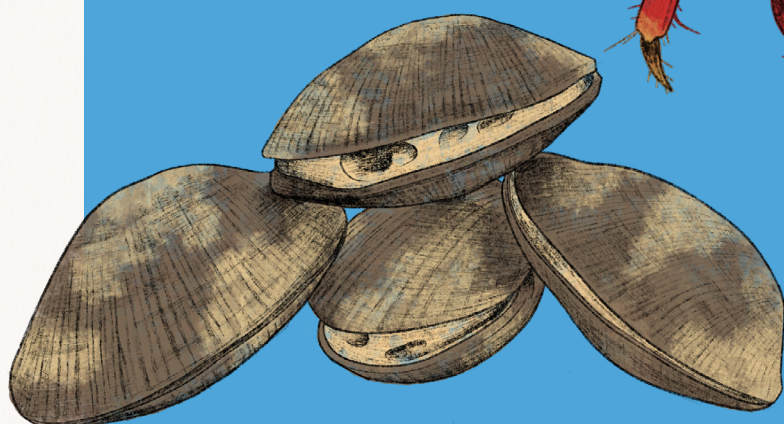


DIRETO DO MAR

Confira a seguir pescados que fazem parte do cotidiano das pescadoras da Costa dos Corais

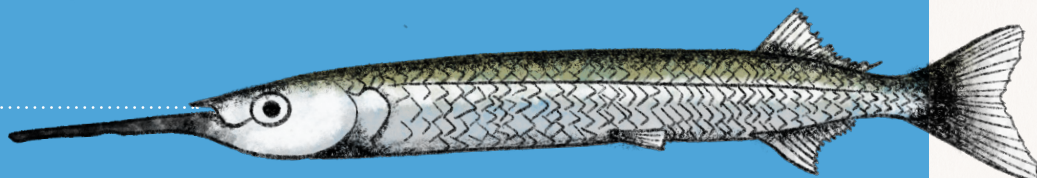


Aratu



Massunim

Agulhinha



Taioba



Siri



JUNTANDO O CARDUME

Após a primeira oficina, as mulheres participantes do encontro iniciaram uma movimentação nas comunidades pesqueiras para engajar as pescadoras a participar de encontros municipais. A mobilização envolveu contatos telefônicos e convites pessoais. Foram realizadas visitas a colônias de pesca e associações de marisqueiras. Quando possível, falaram presencialmente com as pescadoras, individualmente ou por meio de uma roda de conversa. Essa movimentação aconteceu independentemente do vínculo com as colônias ou associações, visto que muitas profissionais não são vinculadas a instituições.

Ana Paula Santos esteve à frente desse processo e contou com o apoio da assistente Maria Alice Capiró Ferreira de Azevedo, além das lideranças locais. “As lideranças identificaram nas Comunidades as mulheres pescadoras, mobilizaram suas companheiras, articularam, organizaram e escolheram os temas para os encontros municipais e regionais”, disse Ana.

Como as mulheres são conhecidas no território, o poder de sensibilização e convencimento delas foi de extrema importância para que houvesse maior engajamento nas reuniões municipais.



“Atualmente trabalho com crustáceos, massunim, berbigão e taioba, porque não tem mais camarão. Eu fazia parte da Associação de Pescadores de Ipioca, que faliu. Então passei para a Colônia de Pescadores, onde fui conhecendo pescadoras, participando de reuniões, até ser convidada para participar de um encontro em Tamandaré.”

Maria Natália da Silva Santos



OS ENCONTROS MUNICIPAIS

O processo de mobilização das pescadoras foi um sucesso e resultou na participação de 418 pescadoras e marisqueiras nos 15 encontros municipais, quando foi possível conhecer de perto a realidade em que vivem. Os temas dos encontros, escolhidos pelas próprias pescadoras, foram: direito das mulheres, saúde, políticas públicas, geração de renda, visibilidade do trabalho, conservação dos recursos naturais e organização e luta pelos espaços nos territórios.

Houve muita troca de saberes, diálogo, conexões e aprendizado. As mulheres compartilharam seus conhecimentos, falaram sobre seus direitos, reconheceram sua liberdade e estabeleceram seus próprios objetivos. Discutiram também qual é o papel da mulher pescadora e o que ela precisa saber e fazer para que seu trabalho tenha maior visibilidade no universo da pesca artesanal. E definiram mais detalhadamente o que as participantes esperavam de uma rede de mulheres pescadoras.

“Uma das atividades nesses encontros foi a construção de um ‘relógio de rotina’ para incluir as atividades do dia a dia das mulheres. Descobrimos que elas não tinham tempo de lazer e que praticamente toda a vida delas é dedicada ao trabalho, maré, filhos, casa e beneficiamento da pesca”, contou Ana Paula.

Os encontros contavam também com palestras sobre direitos das mulheres, que podiam ser feitas por convidadas ou pela própria Ana Paula. Nessas conversas, as mulheres foram apresentadas ao conceito de “políticas públicas” e para que servem. Além disso, uma linha do tempo foi elaborada para mostrar os direitos conquistados pelas mulheres no país, como a

presença feminina em cargos políticos, a violência contra a mulher, os programas e as ações que as beneficiam, entre outros. No final, visualizaram conquistas específicas das mulheres pescadoras desde o final da década de 1970, quando algumas delas já participavam da organização da pesca.

Nesse momento, algumas participantes relataram que não tinham conhecimento sobre os direitos conquistados pelas e para as pescadoras e comentaram sobre a importância dessas informações serem repassadas também para as que não puderam estar nos encontros. Muitas contaram que se sentiam discriminadas pelos próprios companheiros pescadores, mesmo que isso não as impedisse de continuar na atividade e não abalasse o grande desejo de organização e mobilização.

Elas relataram que a violência contra a mulher também acontece durante a pesca e que, atualmente, sentem-se inseguras quando realizam a pesca no mangue, tendo em vista os casos de violência dentro dos manguezais. O medo de assédio dificulta a presença diária na atividade, pois torna-se necessário a organização em grupos. As pescadoras concordaram que esses casos de violência precisam ser denunciados para que elas se sintam protegidas durante o trabalho.

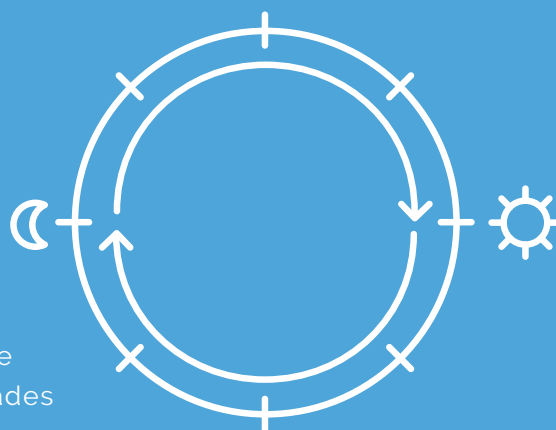
“Percebemos que os encontros começaram a ir além do papel das mulheres na pesca quando começaram a trazer os problemas relacionados a assédio e violência. Por conta disso, fizemos uma parceria com a Secretaria de Estado da Mulher e dos Direitos Humanos de Alagoas e com o Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (Cedim). Eles enviaram duas técnicas para contribuir com o debate nas reuniões municipais. Com isso, as mulheres pescadoras se sentiram confiantes para contar os tipos de violência que sofrem, que muitas vezes não se limita ao contexto doméstico, mas se estende aos manguezais”, disse Ana Paula.

Rotina diária da mulher

Para a realização dessa atividade, as mulheres reuniram-se em grupos e informaram o que faziam dentro de suas rotinas (pescavam, realizavam trabalhos domésticos, cuidavam das crianças, iam à igreja, etc).

Em seguida, as participantes eram divididas em grupos de discussão, quando refletiam sobre a quantidade de atividades diárias e as dificuldades que enfrentavam tanto nas atividades domésticas quanto nas relacionadas à pesca.

Ao olhar suas rotinas descritas em um relógio de tempo, percebiam que as várias funções diárias impedem que tenham momentos de lazer e autocuidado.



MULHERES

QUE FAZEM

Maria Madalena dos Santos

Pescadora há 12 anos, Maria Madalena faz parte da Colônia de Pescadores de Tamandaré, que conta com uma boa estrutura e documentação em ordem. Ela acredita na importância de participar da Rede de Mulheres para repartir as experiências e conseguir, conjuntamente, conquistar o que ainda falta para garantir uma vida digna.

"Tamandaré é bem organizada. Aproveitamos a escama de peixe e cascas de marisco para produzir artesanato. Temos também sala própria para manipulação de alimentos, onde podemos inclusive preparar hambúrgueres, espaço para exposição de artesanato e peixaria para comercialização. Só falta investimento para crescer", diz.

Maria Madalena é uma das conectoras da Rede. Ela conta que foi escolhida porque é falante e brincalhona, mas também tem experiência e gosta de colaborar. "Ajudo outras mulheres porque dependemos da Internet para nos comunicar e documentar nossas atividades com fotos e vídeos. Isso é muito importante para a comprovação do trabalho e para conseguir a aposentadoria".





MULHERES CORAJOSAS E UNIDAS

“A Rede de Mulheres vai fortalecer nossa cadeia de mulheres que produz alimentos não só na minha Comunidade, mas também de outras que participam em todo esse litoral. Já trouxe para a minha vida a possibilidade de explanar nossos problemas com filhos, marido, vivência, amigos, outras pessoas.”

Isabel Cristina Chagas

Os encontros municipais deixaram as mulheres não apenas mais unidas, mas também mais fortes e preparadas, conhecendo seus direitos e entendendo melhor seus papéis na Comunidade.

OS ENCONTROS REGIONAIS

Esse engajamento foi trazido aos encontros regionais, que aconteceram no final de 2019, bem no auge da crise desencadeada pelo derramamento de óleo nas praias do Nordeste brasileiro. O acontecimento afetou imensamente a atividade pesqueira.

“Na reunião da Rota Ecológica, uma senhora estava com manchas vermelhas no corpo e contou que, quando viu o óleo na praia, começou a retirá-lo sem proteção, porque a pesca é a sua única atividade e de onde vem o sustento de sua família. A região foi muito atingida e não teve o acompanhamento devido de nenhuma instância de governo. O tema se tornou um dos principais focos desses encontros”, disse Ana Paula.

Tragédia sem solução

As primeiras manchas de óleo apareceram nas praias do Nordeste brasileiro no fim de agosto de 2019. Nos meses seguintes, atingiram todo o litoral com toneladas de petróleo. Os responsáveis pelo episódio, uma tragédia para as Comunidades que tiram seu sustento das águas, nunca foram identificados. O impacto ambiental nas praias e nos manguezais atingiu a cadeia da pesca artesanal e toda a economia pesqueira regional.

As mulheres discutiram nos trabalhos em grupo como lidaram com a crise em cada Comunidade e como foi a participação delas nos primeiros momentos da retirada do óleo das praias. Além disso, discutiram os impactos causados nas Comunidades e nas vidas das famílias com trocas de experiências de enfrentamento.

MULHERES

QUE FAZEM

Maria Natália da Silva Santos

Nascida em uma família de sete irmãos, Natália ia desde cedo com a mãe jogar sarrafo. Na adolescência, chegou a trabalhar em cozinha, mas percebeu que o que gosta mesmo é da pesca. Hoje, aos 46 anos e filhos adultos, faz parte da Colônia de Pescadores de Ipioca, em Paripuera, Alagoas. Lá conheceu outras pescadoras e começou a participar de reuniões até chegar à Rede de Mulheres Pescadoras.

“É uma oportunidade de se relacionar com mulheres de vários lugares e trocar experiências”, diz a pescadora, uma das conectoras da Rede. “Estou sempre procurando saber o que está acontecendo para levar para as outras pescadoras. A Rede trouxe muitos conhecimentos que eu não tinha, e espero que nos ajude a conquistar tudo o que sonhamos, como ter um cantinho para vender nosso artesanato e nosso pescado”





TECENDO A REDE

Após cinco meses de encontros intensos, 62 pescadoras e marisqueiras foram escolhidas nos quatro encontros regionais para representar seus municípios e Comunidades no seminário final do processo de formação da Rede de Mulheres Pescadoras da Costa dos Corais, em dezembro de 2019. Esse encontro seria o momento de juntar as peças da caminhada, refletir e demonstrar a vontade de fazer a rede acontecer. Era hora de firmar o comprometimento com os sonhos que compartilharam ao longo do caminho trilhado juntas.

Durante o encontro, foram definidos a missão, a visão e os valores da Rede, assim como planos de ação para cada região, baseados nos objetivos prioritários para a atuação da rede. Entre eles, estão:

- Desenvolver campanhas voltadas para a **melhoria da autoestima**, a valorização do ofício e a importância dessas mulheres;
- Oferecer **cursos e formações** sobre cidadania, atuação cidadã coletiva, direitos da mulher e trabalhistas e alternativas para a geração de renda, como artesanato, culinária e bijuterias;
- Fomentar **cooperativas e associações**;
- Criar **unidades de beneficiamento e comercialização** de pescado e mariscos;
- Buscar apoio de **assessoria técnica e jurídica**.



MISSÃO

Fortalecer a identidade, o reconhecimento, o respeito e a valorização da mulher pescadora.



VISÃO

Ser uma corrente do bem, de mulheres corajosas e unidas, com o coração aberto e de mãos dadas por suas comunidades, disponíveis para ajudar o outro, uma rede que tem cada vez mais mulheres e se fortalece mais e mais.



VALORES

Fé, união, confiança, força, amor, carinho, paz, respeito, responsabilidade, sensibilidade, conhecimento, transformação, compreensão, determinação, persistência, perseverança e esperança.

Esse último encontro teve também o objetivo de articular politicamente as pescadoras. Para tanto, mulheres representantes das divisões de Aquicultura e Pesca de Pernambuco e Alagoas do Ministério da Agricultura, da Secretaria da Mulher de Pernambuco, do Ministério Público do Trabalho de Alagoas e do Conselho Pastoral dos Pescadores foram convidadas a dialogar com as pescadoras e falaram em que cada uma poderia ajudá-las.

Questões como defeso, aposentadoria, direitos trabalhistas e de saúde foram abordadas. “Sentimos que as mulheres se empoderaram até em casa. São mulheres que sofrem violência doméstica, miséria, mas estão tentando mudar essa situação”, disse Mariana Bernardo de Santos Silva, do Instituto Yandê.

“A Rede de Mulheres pescadoras veio para nos ajudar. Foi onde conseguimos novas amizades, aprendemos sobre os nossos direitos. Gostei muito dos nossos encontros, palestras, de cada uma dizer o que sente, o que precisa. Meu sonho é continuar a lutar pelos direitos das mulheres pescadoras e vencermos cada vez mais.”

Edna Justina dos Santos, presidente da Colônia de Pescadores de Japaratinga

Ao fim, as pescadoras escolheram as 16 conectoras, ou seja, uma representante de cada município para ser a ponte entre as pescadoras em suas Comunidades e a Rede. Essas embaixadoras foram definidas pela sua disponibilidade e conhecimento, embora tenha ficado claro que, em uma rede, não há uma divisão de hierarquia dentro do coletivo.

A Rede de Mulheres Pescadoras da Costa dos Corais estava formada!

AS CONECTORAS DA REDE

· Maria Madalena dos Santos
TAMANDARÉ - PE

· Lindomar R. de Barros Silva
· Enilde Lima de Oliveira
SÃO JOSÉ DA COROA GRANDE - PE

· Eielba Márcia R. Calaça Pinto
· Maria Nazaré Ferreira de Lima
MARAGOGI - AL

· Edna J. dos Santos Rodrigues
· Faustina Rodrigues dos Santos
JAPARATINGA - AL

· Edemara Oliveira Lara
· Eliane Duarte dos Santos
PORTO DE PEDRAS - AL

· Janaina Patricia da Conceição
SÃO MIGUEL DOS MILAGRES - AL

· Isabel Cristina Chagas
· Jacqueline dos Santos
PASSO DE CAMARAGIBE - AL

· Ana Paula de Oliveira Santos
· Maria Cícera dos Santos
BARRA DE SANTO ANTÔNIO - AL

· Maria Natália da Silva Santos
MACEIÓ - AL

· Estelita Andrade Bispo
JEQUIÁ DA PRAIA - AL



MULHERES EM REDE

“A Rede me trouxe conhecimento e mostrou que, nós mulheres, somos mais fortes do que as pessoas imaginam. Quero que o projeto cresça e consigamos mostrar como somos guerreiras.”

Jaqueline, comunidade de Barra de Camaragibe, Passo de Camaragibe, Alagoas



“É maravilhoso participar de uma Rede de Mulheres que abrange as mulheres pescadoras de Alagoas e Pernambuco. Mesmo que eu já esteja aposentada, foi bom para minha vida participar, conhecer novas pescadoras. Espero que a rede consiga incluir todas as pescadoras e que todas sejam beneficiadas e defendam seus direitos. Sonho que fiquemos cada vez mais juntas para trabalhar de mãos unidas e ajudar nossa comunidade.”

Lindomar Rodrigues de Barros Silva, Colônia São José da Coroa Grande Z9



“Espero que a Rede de Mulheres Pescadoras nos ajude a trazer mais recursos. Meu sonho é que sejamos lembradas e valorizadas.”

Eliane Duarte, pescadora de Porto de Pedras, Colônia Z25

“Essa Rede trouxe o empoderamento feminino e, com isso, vai ajudar na sustentabilidade de várias famílias. Trouxe experiência e mudanças por meio da educação ambiental na pesca.”

Maria Natália da Silva Santos, de Ipioca, Alagoas

“Acompanhando o grupo de mulheres e as conectoras, vamos melhorando o que não conseguimos avançar. Com a Rede de Mulheres Pescadoras, tivemos audiência com o Ministério Público Federal e com a Secretaria da Mulher. Discutimos problemas, procuramos soluções. A Rede também nos ajuda a ver que os problemas são parecidos em várias comunidades. Agora nos reunimos para buscar uma qualidade de vida melhor.”

Isabel Cristina Chagas, Passo de Camaragibe, Alagoas

“A Rede de Mulheres Pescadoras nos deu o espaço e a oportunidade que merecemos. Com ela, esperamos conseguir mais trabalho e muitos projetos.”

Estelita Andrade Bispo, povoado Ponta de Pedra, Jequiá da Praia, Alagoas



“A importância da Rede vem da necessidade dessas mulheres ganharem voz, pois vêm de lugares onde os homens estão nos espaços de fala. Elas estão ganhando força para conquistar esse lugar de fala que antes era impossível, pois iam com maridos e alguns não as deixavam falar. Estão construindo juntas esse espaço e estão cada vez mais fortes.”

Mariana Bernardo de Santos Silva, Instituto Yandê





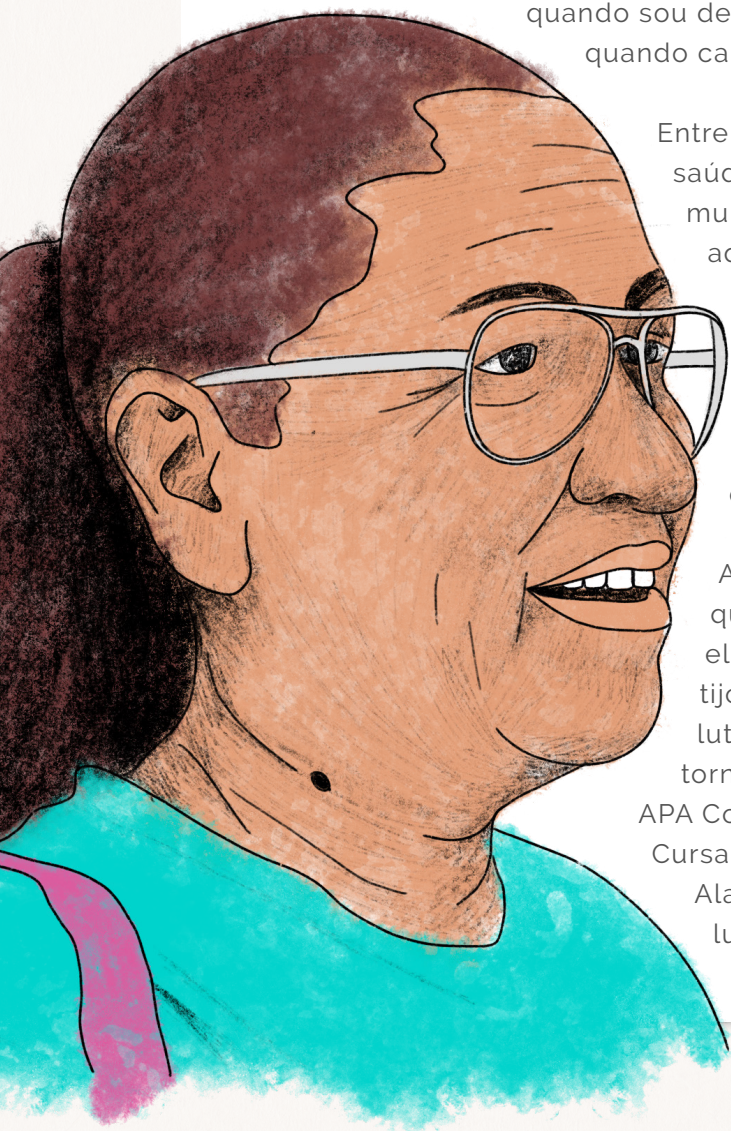
Isabel Cristina Chagas

A pesca de mariscagem faz parte da vida de Isabel desde que era criança e acompanhava sua mãe, avós e tias à praia e ao rio Camaragibe. "Mariscagem é atividade totalmente feminina, e as crianças vão junto para que as mulheres possam ficar de olho nelas", conta. Mais tarde, quando chegava da escola, Isabel ajudava a filetar (tirar as carnes dos mariscos) e embalar para vender.

Começou a frequentar a Colônia de Pescadores em Barra do Camaragibe ainda nos anos 1990, quando os homens reclamavam das mulheres participarem. "Mas sou muito lutadora e comecei não apenas a ir, mas a lutar para ter reunião com o Banco do Nordeste, trazer curso de alfabetização de adultos, fazer documentação para os pescadores." Participou do movimento que criou o grupo de mulheres pescadoras de ostras na cidade. "Sempre gostei de cutucar quando sou desafiada. Mangueira só leva pedrada quando carrega bons frutos."

Entre as preocupações de Isabel, está a saúde das mulheres pescadoras. "Ficamos muito tempo dentro d'água. Tem mulheres aqui que entram na menopausa mais cedo, às vezes até aos 38 anos. Passar tanto tempo na água faz com que a mulher tenha problemas de dormência nas articulações, perca as digitais por descascar e fique com as mãos deformadas depois dos 40 anos.

A pescadora, de 54 anos, conta, ainda, que muitas nem têm fogão à lenha, como ela, e possuem apenas um fogareiro de tijolos no chão para cozinhar marisco. Para lutar por melhores condições, Isabel se tornou também membro do Conselho da APA Costa dos Corais e voltou aos estudos. Cursa geografia na Universidade Federal de Alagoas, onde entrou após tirar o terceiro lugar no vestibular.



O QUE VEIO DEPOIS: AS CONECTORAS E A COMUNICAÇÃO

“Como conectora, procuro saber quais são os problemas das pescadoras para levar para o coletivo. A Rede de Mulheres me deu a oportunidade de conhecer vários lugares e muitas mulheres. Com a pandemia, as viagens pararam, mas começamos a fazer algumas reuniões com máscaras. A Rede trouxe conhecimentos que eu não tinha, e espero que nos ajude a construir um local para vender nosso pescado e artesanato.”

Maria Natália da Silva Santos

“Mesmo diante das dificuldades que estamos vivendo, temos mulheres comprometidas com a Rede de Mulheres Pescadoras e sabemos que podemos buscar apoio junto a elas.”

Elielba Márcia Rocha Calaça Pinto, pescadora do povoado São Bento, Maragogi, Alagoas

A chegada da pandemia de Covid-19 no início de 2020, logo após a criação da Rede de Mulheres Pescadoras da Costa dos Corais, trouxe ainda mais problemas para a atividade pesqueira, já abalada pelo derramamento de óleo no mar no ano anterior, com impactos na renda e saúde das famílias. A circunstância dificultou, mas não impediu, a atuação das conectoras e as atividades da Rede.

Nesse contexto, as conectoras perceberam que o maior desafio seria a comunicação entre elas. Por isso, desenvolveram um projeto de apoio em comunicação, para promover contatos virtuais, a articulação entre elas e auxiliar na busca de recursos. Também receberam capacitação para manusear o Registro Geral da Pesca (RGP), para que possam colaborar no recadastramento das pescadoras junto às associações, além de participar de palestras de formação, inclusive de capacitações para a utilização das redes sociais.

Elas realizaram campanhas de arrecadação de alimentos destinados às famílias de pescadoras durante os momentos mais críticos da pandemia, quando não havia auxílio emergencial. Para essas campanhas, a Rede de Mulheres mobilizou parcerias com empresas e outras organizações, como o Projeto Jovens Protagonistas da Pesca, associações e colônias de pescadores.

A maior conquista da Rede até o momento, porém, foi a criação, em março de 2020, com apoio do Projeto TerraMar, de uma [plataforma virtual](#) na qual as pescadoras conseguem vender seus produtos pesqueiros e esperam poder também mostrar seus artesanatos. “Essa possibilidade de renda tem sido fundamental nesse momento e pode ser uma oportunidade para que muitas das participantes aprendam a usar a tecnologia”, disse Ana Paula.

“Estamos orientando e realizando pequenos cursos de comunicação com as conectoras, mas sempre com o princípio de que a Rede é delas. Nós apenas apoiamos.”

Fabiana Cava, assessora técnica do projeto TerraMar

“A Rede me trouxe bons momentos e oportunidades de conhecimento e crescimento. Sonho em ver o produto que oferecemos ser bem aceito no mercado e nosso grupo conseguir uma renda para se manter com seu trabalho.”

Elielba Márcia Rocha Calaça Pinto

“Ainda temos pescadoras na nossa região que vivem na invisibilidade e não são reconhecidas como trabalhadoras da pesca. Elas não possuem documentação de pescadoras, mas estão no dia a dia da atividade. São essas mulheres que queremos atrair para que participem da Rede de Mulheres Pescadoras, para que possam ocupar seu espaço de empoderamento, direitos e se capacitem para assumir seus espaços na Comunidade.”

Ana Paula Santos

Mesmo que a implementação completa da Rede de Mulheres Pescadoras ainda esteja em curso, alguns benefícios dessa formação já podem ser vistos. As mulheres se sentiram mais empoderadas e capazes de ocupar espaços. Estão se colocando mais, têm mais clareza de sua importância na pesca artesanal. Não estão mais nos espaços apenas para apoiar os maridos pescadores, mas porque são pescadoras também. Ganharam força para conquistar esse lugar de fala que antes era impossível.





MULHERES

QUE FAZEM

Faustina Rodrigues dos Santos

“Temos muitos problemas em relação à pesca e, por isso, sempre participo quando sou chamada para discussões. Atualmente pesco pouco, mais para comer. Mas percebo que o pescado está diminuindo... pegamos apenas polvos pequenos. Antigamente, pegava de três a quatro quilos. Hoje, se conseguimos um de dois quilos, está bom demais”, conta Faustina, que vive no povoado de Barreiras, em Japaratinga, Alagoas.

Aos 52 anos, mãe biológica de dois filhos e de criação de mais quatro, hoje cuida de dois netos. Faustina diz que gosta de se inteirar das coisas. Por isso, chegou à Rede de Mulheres Pescadoras e agora é uma das conectoras do coletivo. Segundo ela, a Rede de Mulheres Pescadoras já tem ajudado as mulheres, principalmente na comercialização do pescado, por conta do aplicativo.





LIÇÕES APRENDIDAS

O processo de criação da Rede de Mulheres Pescadoras da Costa dos Corais trouxe vários ensinamentos para todas as participantes sobre as possibilidades de articulação de mulheres, que podem colaborar tanto para a manutenção e o desenvolvimento da própria Rede quanto para outros projetos que visam a organização e o fortalecimento de coletivos femininos.

- A preparação dos encontros deve propiciar o alinhamento entre as pessoas responsáveis pelas diferentes atividades, estabelecendo as competências de cada uma. Esse processo deve ter espaço para o esclarecimento de dúvidas e desconfortos e para evitar ruídos de comunicação ou entendimento, que podem afetar o pleno sucesso dos encontros.
- Entre os temas que devem ser discutidos e acordados na preparação dos encontros, estão o estabelecimento de prazos factíveis para a realização das atividades do projeto, o número de participantes nas oficinas, os objetivos pretendidos durante os encontros, o tempo disponível para sua realização e o número de facilitadoras para cada etapa. Esse cuidado ajuda a evitar expectativas que não possam ser atendidas diante das condições disponíveis.
- Promover o intercâmbio entre as comunidades é importante, mas nem sempre possível.

LINHA DO TEMPO

2018

2º Seminário de Pesca Artesanal APA Costa dos Corais: as pescadoras e marisqueiras pediram ao Projeto TerraMar apoio para formar uma Rede.

2019

Projeto TerraMar, em parceria com o **Instituto Yandê** e o **ICMBio**, inicia o processo de formação da **Rede de Mulheres Pescadoras da Costa dos Corais**.

..... **JULHO**

Encontro de formação: participação de **32 pescadoras e marisqueiras**, de 14 municípios das áreas de abrangência.

..... **AGOSTO E SETEMBRO**

15 reuniões municipais: participação de **418 pescadoras e marisqueiras**, palestras e dinâmicas participativas para discutir os direitos das mulheres pescadoras e escolha das participantes das reuniões regionais.

..... **OUTUBRO DE NOVEMBRO**

Reuniões regionais em Tamandaré (PE), Maragogi (AL), Porto de Pedras (AL) e Maceió (AL): participaram **117 pescadoras e marisqueiras**; seleção das participantes do seminário final.

..... **DEZEMBRO**

Seminário final: **62 pescadoras e marisqueiras** foram escolhidas como representantes dos seus municípios.

